

Leite, Adriana Sampaio; Doutoranda em Engenharia de Produção; Universidade Federal do Rio de Janeiro

Por uma crítica dos objetos de moda

Leite, Adriana Sampaio (doutoranda do Programa de Engenharia de Produção do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Resumo

Ultimamente nota-se a emergência de inúmeros estudos sobre a moda, entretanto, observa-se uma lacuna no que diz respeito a uma análise específica dos objetos de moda. Em geral a moda é criticada por jornalistas que estão mais preocupados em divulgar marcas do que refletir mais profundamente sobre as coleções. Procuramos aqui apontar os possíveis caminhos para se estabelecer uma crítica produtiva para o campo da moda.

Palavras-chaves: critica, moda, objeto.

Abstract

Lately we can notice the emergence of numerous studies on fashion. However, there is a gap with respect to a specific analysis of the objects of fashion. In general, fashion is criticized by journalists who are more focused on brand promotion than on reflecting on the collections. This paper intends to point out the possible roads to establish a productive critical to the field of fashion.

Keywords: criticizes, fashion, object

Panorama

Embora muitos autores ao se debruçarem sobre o área da moda apontem a falta de uma pesquisa mais profunda sobre a questão, nos últimos anos foi possível assistir a emergência de uma pesquisa interdisciplinar muito rica a propósito do tema (GODART, 2009). Como decorrência vem se desenhando, ainda com limites pouco estabelecidos, um terreno fértil de discussão.

Ainda assim, paira no ar das comunidades científicas o entendimento de que a moda, como campo de pesquisa, mostra-se frágil nos argumentos acadêmicos em função de sua aparente superficialidade, isto porque o entendimento que se têm dela é reduzido a um conjunto de objetos que se renovam permanentemente desencadeando um consumo artificial. Entretanto, tal superficialidade se torna o ponto nodal em nossa discussão, pois, revela em si questões ambíguas e complexas, que muito refletem o tempo em que vivemos, o tempo das ciências tecnológicas.

Convergência

A moda enquanto objeto de estudo provoca o encontro de questões de diversos ramos das ciências sociais. Ela permeia as diversas relações estabelecidas em um mundo em estado de conexão. Contudo, todos seus atributos como elemento de conexão não são mais intrigantes do que a sua suposta fragilidade traduzida em sua condição de efemeridade. Ao contrário do que parece, é esta condição que lhe confere, em tempos atuais, a sua força. É ela que promove a reconciliação entre o tempo da moda; este de renovação permanente, e o tempo das ciências; reflexivo, de análise dos fatos e da construção de teorias.

O tempo da ciência se acelerou com a corrida tecnológica encurtando as distâncias e aumentando a velocidade das comunicações. Essa dinâmica gerou novas formas de relacionamentos, novos desejos e um processo frenético de transformação, na tentativa de encontrar o progresso. Esse progresso não se

apresenta respaldado por uma ideologia, pois ele aponta para um vazio feérico, na procura de responder um desejo insaciável pelo novo, onde os objetos tecnológicos se apresentam cada vez mais como *gadget*. Desta maneira a tecnologia se apropriou da lógica da moda, da sua efemeridade de dominante neonarsisica, onde o individuo é seduzido pela “embriaguez da mudança, pela multiplicação dos protótipos e pela a possibilidade de escolha individual.” (LIPOVESTSKY,1987, p.95.), promovendo um jogo de transformações muito rápidas.

Neste sentido, a moda sai do papel de coadjuvante para atuar como objeto de estudo primordial no entendimento da dinâmica dos tempos contemporâneos.

Inúmeros trabalhos vem sendo produzidos no decorrer dos últimos anos, com a proposta de explicar e elucidar o fenômeno da moda. Todavia, os estudos na sua maioria não se mostram definidos por um campo próprio da moda, geralmente estão relacionados ao ponto de vista de matérias das ciências sociais consolidadas como: sociologia, historia e economia. Tais estudos, em geral se debruçam na tentativa de explicar o sentido do fenômeno e de certa forma em redimir a culpa burguesa em relação ao consumo desenfreado; aquele que é empreendido sem uma justificativa plausível, e que é muito mais conduzido pelo desejo de ornamentação do que por motivos funcionais relacionados a indumentária. Um consumo guiado por um delírio sistemático vivenciado pelo homem moderno em sua racionalidade pseudo-racional, em que as razões que o conduzem a produção de bens de consumo freneticamente se mostram arbitrarias (CASTORIADES, 1982, p.189).

A leitura que se faz da moda constantemente cai em um lugar comum que a coloca na posição de uma mera mercadoria. Este posicionamento diz respeito a uma característica ambígua própria do campo da moda, o fato dela se localizar entre a arte e o capital (SVERNDSEN, 2009, p. 184). A circunstância da moda em produzir objetos que se apoiam em seus atributos estéticos não destitui o seu componente comercial, entretanto, este binômio se apresenta como uma das pedras angulares das questões do campo da moda.

Para retirar a moda da posição de uma mera mercadoria e colocá-la em um âmbito mais abrangente - que ela se pretende, torna-se indispensável o exercício de uma crítica séria a seu respeito. (SVERNDSEN, 2009, p.183). Portanto, devemos estar atentos às diversas vertentes em relação as reflexões sobre moda, de maneira a torná-las, de certo modo, convergentes, afim de desenhar, com limites mais claros, o seu terreno de pesquisa. Tirá-la do campo especulativo, definindo um *corpus* próprio, que aqui entendemos ser geminado ao campo do Design.

Ponto de vista

O enfoque que nos parece ser primordial para se estabelecer uma crítica, e que muitas vezes é posto de lado, é o de olhar a moda a partir dos objetos que a perfazem. Aqui vamos nos ater apenas aos objetos vestimentares.

Se considerarmos que os elementos formais constitutivos da vestimenta, tais como: cor, textura e volume, delineiam inúmeras possibilidades de desenhos sobre os corpos resultando em diversas interpretações e sensações, que devem ser valorizadas como propulsoras de cultura, talvez possamos retirar o peso conferido, de forma negativa, de seu aspecto comercial, que os coloca como uma mercadoria menor. Não obstante, vale lembrar que nas artes, em geral, também encontramos o caráter comercial.

Portanto, estudar estes objetos sob o ponto de vista formal, tanto em relação a sua estrutura quanto a sua feitura, faz-se atitude urgente, para que se possa desenvolver um pensamento crítico do objeto inserido em um contexto maior. O campo da moda necessita de crítica analítica, e para desenvolvê-la é fundamental conhecer o objeto que o constitui com propriedade, para então entender as relações que este objeto estabelece entre o espaço-tempo e indivíduo-multidão.

Ao empreender a tarefa de dominar o campo sob o ponto de vista da matéria podemos nos apropriar de um discurso mais completo envolvendo

desde a criação até a confecção do objeto para poder estabelecer uma análise mais pertinente da moda e sua lógica de produção de coleções.

Para entender o objeto

Em uma perspectiva flusseriana as formas são estruturadas a partir de códigos originados de teorias e equações, que explicam e viabilizam a constituição de um mundo formal, dando ao homem a oportunidade de dar significado a tudo.

Ao dar forma à matéria o homem viabiliza uma ideia, um conceito. A forma é real, dado que a ideia pode ser teorizada. Já a matéria é aparente, é o que preenche a forma e é transformável. Para Flusser “todas as formas eternas, todas as ideias imutáveis podem ser formuladas em equações” (2008, p.191).

Na estrutura de todo objeto existe uma teoria que se apresenta invisível. Para se transformar o invisível em visível é necessário empreender a ação do fazer sobre a matéria, tal ação é motivada pelo diálogo entre o fazedor e a matéria e é através desse diálogo que surge o conteúdo. (OITICICA, 1969 p.45)

O que vemos do objeto é superficial, embora seja possível captar a sua forma, compreender seu conteúdo e entender sua função, nem sempre é possível alcançamos o pensamento teórico que foi necessário para concebê-lo.

Assim, como todos os objetos, os artefatos constituintes da moda também são codificados. Porém, diferente de diversos artefatos que apresentam apelo tecnológico, eles não se submeteram, em sua maioria, a um afastamento de sua estrutura, ou seja, ao olhar os objetos produzidos para ela, ainda é possível decodificar o seu fabrico.

Isto se deve porque as tecnologias empregadas para constituir esses objetos é bastante estável (GOURHAN 1973), depois da invenção da máquina de costura não ocorreu nenhuma mudança marcante na tecnologia de confecção, ao contrário do que acontece na indústria têxtil, que desde dos primeiros teares até os dias de hoje, evolui bastante não só no que diz respeito a

tecnologia de fiação e de tecer mas como também em relação a composição dos fios de origem química e bioquímica, áreas com fortes investimentos em inovações. Uma das razões apontadas para a falta de investimento no desenvolvimento das técnicas de confecção de roupas, diz respeito ao baixo custo tanto do maquinário quanto da mão de obra empregada pelo setor. Do modo que se apresenta parece ser bem eficiente. (JACOMET 2007, p.9)

Assim o objeto de moda mantém com seu usuário uma relação de proximidade em relação a sua estrutura, e ao seu fazer, propiciando uma experiência de primeira mão entre usuário e produto.

Observa-se que na lógica produtiva contemporânea da moda, em geral, quem confecciona a roupa não é aquele que projeta a roupa, entretanto para se projetar a roupa é necessário dialogar com os elementos de sua estruturação formal.

Quem pensa, o que faz?

O processo de concepção e feitura dos produtos que fazem parte do sistema da moda pode ser compreendida em três etapas: criação, desenvolvimento do produto e reprodução; cada etapa pode ser dividida em módulos segundo seus objetos, atores e atividades. Este processo é vivo, propõe interações, trocas e negociações. Os papéis são definidos entre quem pensa e quem confecciona, aqui consideraremos como o autor do processo de desenvolvimento dos objetos de moda aquele que pensa. Este profissional ao cumprir o seu papel deverá lidar com as questões criativas e concretas de forma interativa.

Se por um lado o criativo lida com questões mais fluidas, por outro a atitude de projetar relaciona-se a questões mais racionais, concretas e objetivas. De acordo com Zamboni, as questões criativas estão relacionadas à intuição, mas não necessariamente ao inconsciente. Ele menciona, que uma importante corrente neofreudiana, associa a criatividade às produções do pré-inconsciente. Quando este é acionado há um relaxamento da parte racional do indivíduo, promovendo

um processo de busca de soluções interiores. Este processo acontece de forma não consciente, no entanto, ele vai se tornando compreensível a medida que vai ganhando literalmente uma forma, seja em uma obra de arte, numa configuração de objeto, ou em uma equação matemática. Portanto tais idéias só saem para fora se estiverem calcadas em algum aparato racional para serem precipitadas., “ou seja, é necessário submeter a idéia a alguma forma de linguagem, sejam palavras, formulas, ou símbolos. (ZAMBONI,1998, p. 20).

A hipótese que se desenha é que para que haja uma precipitação do fator criativo é necessário traduzi-lo em pensamento racional, portanto, a trajetória de projeto do designer de moda acontece através do intercalar de momentos criativos com momentos racionais relacionados a construção do objeto propriamente dito em que a linguagem preponderante é a plástica .

Conclusão

Reforçamos a urgência de um discurso crítico de moda voltado para os objetos que a compõe, na tentativa de equilibrar as questões teóricas que tratam a moda como instituição, com as questões que estão relacionadas as sensações concretas que a roupa causa. Torna-se fundamental desenvolver pesquisas empíricas que questionem o objeto e sua constituição. Ressaltamos que a atividade do designer de moda se consolida no duvidar, no questionar discursos estabelecidos e não simplesmente em reproduzi-los.

Ao apontarmos que o homem se relaciona com os objetos, imprimindo a eles suas marcas e sentidos, e que ele não domina mais os códigos de alguns artefatos, entendemos que o mundo contemporâneo estabeleceu uma dinâmica em que as coisas ganham movimento próprio, uma subjetivação parcial, ou seja, elas são capazes de produzir sensações, sentidos, transformações. Em suma, dialogam, fazem com que o mundo das coisas não seja inerte e mudo, não dependendo exclusivamente da manipulação das pessoas.

Assim, a matéria informada é um dos modos de expressão do mundo em que vivemos. A partir desse ponto de vista o corpo e a mente estão impregnados

pela lógica dos objetos. As coisas não representam apenas o que é construído, concreto, não são apenas resultado de uma produção humana, vão além, agem como co-produtoras dos homens.

Desse modo, para que o homem não perca a sua autonomia sobre os objetos, não sofra uma pasteurização tecnológica, torna-se fundamental um olhar analítico e crítico mais cuidadoso em relação ao objeto propriamente dito. No que concerne a moda este olhar favorece a retirá-la de um lugar frívolo e banal.

Bibliografia

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

GODART Frédéric. **Sociologie de la mode, La découverte** In: Cairn.info p. 3-11, 2010. Disponível em: <http://www.cairn.info/sociologie-de-la-mode--9782707157621-page-3.htm>. Acesso em: 25/05/2011.

GOURHAN, André Leroi. **Évolution et techniques, milieu et techniques**. Paris: Ed. Albin Michel. 1973.

JACOMED, Dominique. **Mode , textile e mondialisation**. Paris: Ed. Econômica. 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1986.

SVERNDSEN, Lars. **Moda, uma filosofia**. Rio de Janeiro, ZaHar, 2010.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em um paralelo entre arte e ciência.** Campinas,
S.P: Autores Associados, 1998.